

■ Equipe faz de tudo para a integração da comunidade

A lista de problemas na Escola do Varjão é grande. Um dos principais questionamentos do corpo docente é como uma escola que voltada para a educação básica, para ensinar a ler e escrever, não tem sala de leitura. A biblioteca que funcionava em uma das salas teve de dar lugar a mais uma turma. Parte dos livros foi doada para a biblioteca do Varjão, que fica longe da escola, e os outros estão empilhados no canto de uma das salas administrativas. Um dos anseios da diretora Ana Beatriz é um novo bloco, com pelo menos três salas, uma para leitura, uma de informática e uma para reforço escolar.

— Como não temos uma biblioteca, o trabalho fica limitado. Não temos nem como passar uma pesquisa para o aluno, pois são crianças carentes. Seu único contato com a educação é aqui. É difícil trabalhar quando as condições não favorecem — declarou a professora Elisa Pereira Vitor, que há quatro anos trabalha na escola.

Boa parte dos livros estão na sala reservada para atendimento odontológico. Como o serviço só começo no segundo semestre, outras atividades são realizadas lá. O consultório virou uma sala de vídeo. De um lado, livros empilhados, do lado uma mesa com uma televisão onde as crianças assistem filmes e no canto, encostadas, duas cadeiras de dentista.

A estrutura física da escola

precisa de muitos reparos. O banheiro tem paredes quebradas, canos aparecendo, portas danificadas e descargas que não funcionam. O mau cheiro também é um problema. Segundo a diretora, a causa está no encanamento, que precisa ser trocado.

Outro problema é a falta de opções de lazer dentro da escola. Os brinquedos do parquinho, estão quebrados e a quadra de esportes precisa de pintura. Um portão separa a ala de educação infantil. Para o lazer, apenas um cercado de areia, que deveria ter um parquinho próprio, mas não foi montado. O terreno oferece perigo para as crianças, pois é bem íngreme. De acordo com a diretora, vários alunos já caíram e se machucaram.

Os problemas não param por aí. As paredes estão com a pintura desgastada e precisando de uma mão de tinta, as pilastras estão com várias partes quebradas, o muro tem buracos, a iluminação é precária. Quase todos os ventiladores estão quebrados e as salas ficam muito quentes. Armários e carteiras quebradas.

Outra necessidade é de um freezer. Semanalmente, a escola recebe os alimentos perecíveis repassados pela Secretaria de Educação. De acordo com a diretora, ela já devolveu produtos por não ter onde guardar.

— Já aconteceu algumas vezes de dispensarmos os alimentos por não ter onde guardá-los — con-

tou Ana Beatriz.

Mesmo com tantas dificuldades, as professoras não medem esforços para lutar por um bom ensino. Chegam a usar dinheiro do próprio bolso para comprar lápis pretos, borracha, lápis de cor e papéis para os alunos. As professoras dão ainda apoio emocional aos alunos.

— São crianças que precisam ser estimuladas. Muitas têm problemas familiares, sofrem abusos, maus-tratos. Há alunos que não comem em casa, só aqui na escola. A maioria dos pais é analfabeto e muitos nem se interessam pelo desenvolvimento escolar do filho — contou a professora Josiane Gomes Pereira, há dez anos trabalhando no Varjão.

Apesar da estrutura ruim, a escola usa a criatividade para envolver os alunos e a comunidade. Já realizaram mutirão de limpeza, quando contaram com apoio dos familiares, alunos e comunidade para deixar a escola limpa.

A escola já promoveu também o dia da família na escola, uma ação em parceria com o Lions, HRAN, Sabin, Marinha do Brasil, Defensoria Pública, Administração do Varjão e Senac. Na ocasião, ofereceram atendimento médico, odontológico, laboratorial, jurídico, lazer e cortes de cabelo para a comunidade escolar e do Varjão.

— Acreditamos ser este o caminho para a melhoria no rendimento escolar da escola: a construção da cidadania através do efetivo envolvimento e comprometimento da comunidade — declarou Ana Beatriz.

“São crianças que precisam ser estimuladas. Há alunos que não comem em casa, só aqui na escola. A maioria dos pais é analfabeto e muitos nem se interessam pelo desenvolvimento escolar do filho.

Josiane Gomes Pereira, professora



Bebedouros e banheiros semi-destruídos marcam a escola